Indústria e comércio

O PIB do setor secundário apresentou taxa de crescimento da ordem de 9,04% em 1993. O produto do comércio cresceu 6,83%.

Conforme os levantamentos das sondagens conjunturais, refletiram-se positivamente sobre os níveis globais de demanda e de produção, alcançados em 1993, os seguintes fatores: recomposição de estoques comerciais (primeiro trimestre), elevações salariais reais, incremento de mercados informais, reduções negociadas de tributos, redistribuição de ativos financeiros e fortalecimento da demanda externa.

Contudo, o nível do emprego industrial manteve-se declinante, tendência que se observa desde o início dos anos 90. A reorganização dos sistemas produtivos, tanto nas empresas de maior porte, quanto em micro e pequenas indústrias — com significativa elevação da produtividade do contingente empregado — tem reduzido as necessidades de mão-de-obra. Parte das ampliações de produção física foi realizada com maior número trabalhadas e/ou contratação temporária de pessoal.

Os resultados a nível de setores industriais destacam o desempenho de bens duráveis de consumo e do parque produtor de bens de capital ligados a materiais de transporte.

As exportações de industrializados acumularam, no ano de 1993, o recorde histórico de US$29,1 bilhões, com destaque para matérias de transporte (US$4,6 bilhões), complexo soja (US$3,1 bilhões), produtos químicos (US$2,6 bilhões), máquinas e instrumentos mecânicos (US$2,5 bilhões), calçados (US$1,9 bilhão) e equipamentos elétricos e eletrônicos (US$1,2 bilhão).

O indicador de investimento físico da sondagem revelou que, considerando o objetivo principal para concretização de inversões físicas, houve predominância (2/3 da indústria) dos recursos financeiros voltados para modernização (aumento da eficiência produtiva), sendo bem menos intensos os montantes destinados à ampliação da capacidade produtiva (15%) e à substituição de equipamentos (11%).

João Mendonça da Costa Rego

Notou-se que, relativamente aos resultados globais, somente nas indústrias editorial e gráfica (50% desse mercado), borracha (41%), couros e peles (37%) e celulose, papel e papelão (33%) destacaram-se gastos associados à expansão das instalações, enquanto a substituição de equipamentos aconteceu expressivamente em fumo (94%), perfumaria, sabões e detergentes (73%) e produtos farmacêuticos e veterinários (39%).

Constituíram principais limitadores das decisões de investimento em 1993, os fatores: escassez de recursos próprios (apontada por 39% da indústria brasileira), incerteza acerca da evolução futura da demanda (27%), alto custo dos financiamentos (25%) e taxa de retorno inadequada (21%).

A tabela sobre índices de crescimento divulga os resultados segundo gêneros de indústria, notando-se que somente os segmentos de produtos alimentares e fumo apresentaram taxas relativamente baixas. No primeiro caso, associadas à escassez de soja (atribuível ao grande crescimento das exportações), ao alto custo de diversos produtos agropecuários e à quebra de safras nordestinas. No segundo, a demanda esteve contida por sucessivas maiores baixas dos preços de venda.

Em síntese, o desempenho de expansão do parque manufatureiro em 1993 ocorreu em ambiente econômico menos anuviado (comparativamente a 1992). Já a preponderância de investimentos em modernização continuou refletindo o processo de reestruturação de empresas industriais dirigido à redução de custos operacionais: redução de estoques de materiais e produtos (em processo ou
acabados), melhor integração de etapas (minimizando descontinuidades e reduzindo perdas), melhor utilização da capacidade (via automação de procedimentos), melhor qualidade do produto final e aprimoramento da capacidade pessoal.

No que tange à construção civil, as Sondagens Conjunturais apontaram crescimento das atividades de edificações sob contratação privada: ao contrário dos demais segmentos, que dependem basicamente de recursos públicos, aquele subsector tem investido em qualidade e produtividade, adequando seus produtos e apresentando condições de venda mais acessíveis.

Comércio varejista

Majorações salariais reais, relativa estabilidade dos níveis de emprego, redução negociada de tributos e troca de ativos financeiros reais, propiciaram ambiente mais favorável aos negócios ao longo do ano passado. Maior volume de vendas foi verificado, efetivamente, no último bimestre de 1993, tendo em vista o pagamento do 13º salário e de gratificações, as festas de fim-de-ano, as generalizações liquidações e diversas promoções, e o início das férias escolares.

É importante destacar a significativa expansão das vendas de veículos e de aparelhos eletroeletrônicos domésticos. O ótimo desempenho do comércio automobilístico deveu-se, em grande parte, ao acordo firmado com o Governo na Câmara Setorial e ao lançamento de carros populares, que alcançaram grande aceitação no mercado. Conforme a Anfavea, a produção de veículos cresceu 29,53% em 1993, enquanto sua destinação ao mercado doméstico expandiu-se 43,40%, em relação a 1992.

Dados divulgados pela Abinee revelam que o número de unidades vendidas de eletrônicos domésticos (da indústria para o comércio) cresceu 45,6% e de eletrodomésticos 18,2%, em comparação com 1992.

As Sondagens Conjunturais apontaram crescimento das atividades de edificações sob contratação privada.

Segundo o IBGE, o número de pessoas ocupadas no comércio, em 1993, aumentou 4%, devido, principalmente, à abertura de novas lojas, novos shopping-centers e lojas franquiadas.

Por outro lado, diversos eventos de caráter contracionista limitaram, no ano passado, os níveis globais de consumo: reativação do processo inflacionário (alta de inflação alcançou 2,708,6%, IGP-DI), predominância de altas taxas de juros, acirramento da crise política e indefinições quanto às diretrizes econômicas, foram fatores que, simultaneamente, inibiram a propensão às compras.

Dessa forma, os comerciantes mostraram, de modo geral, cautela nas compras, mantendo estoques em níveis normais e restringindo novas contratações de pessoal.

Regiões metropolitanas

O faturamento real na região metropolitana de São Paulo, em 1993, cresceu 11,33% em relação a 1992, especialmente de bens duráveis e semiduráveis de consumo (17,42% e 17,87%, respectivamente). Cabe lembrar, no entanto, que as vendas mercantis despencaram em 1992, constituindo-se, portanto, numa base fraca de comparação. Na região metropolitana de Belo Horizonte observou-se expansão de 19,80% dos negócios, notadamente de bens duráveis de consumo (35,67%). Na Grande Curitiba, o faturamento real aumentou 7,42%.

SPC, Telecheque e Videochêque

Dados divulgados pela Associação Comercial de São Paulo (referentes à capital) e pelos clubes de diretores lojistas do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, revelam que as consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito decresceram, respectivamente, 1,3%, 7,1% e 15%, em relação a 1992, refletindo fuga dos consumidores dos altos juros cobrados nas compras a crédito.

A redução das novas inclusões de clientes inadimplentes no SPC (2,7% em São Paulo, -7,1% no Rio de Janeiro e -11,2% em Belo Horizonte) indica situação satisfatória nessas capitais, uma vez que se reduziu o número de pessoas que deixaram de pagar seus créditos.

Entretanto, o menor número de cancelamentos de inadimplentes no SPC em São Paulo (8,4%), no Rio de Janeiro (-3,7%) e em Belo Horizonte (-8,7%) mostra aumento do número de pessoas que não conseguiram saldar as dívidas em atraso.

O número de consultas ao Sistema Telecheque (termômetro das vendas à vista) em São Paulo (capital) cresceu 9,2%, em comparação com 1992 e, no Rio de Janeiro, as consultas ao Videochêque aumentaram 0,4%.

*Economistas do Centro de Estudos Tendenciais – CETIBRE/FGV.*